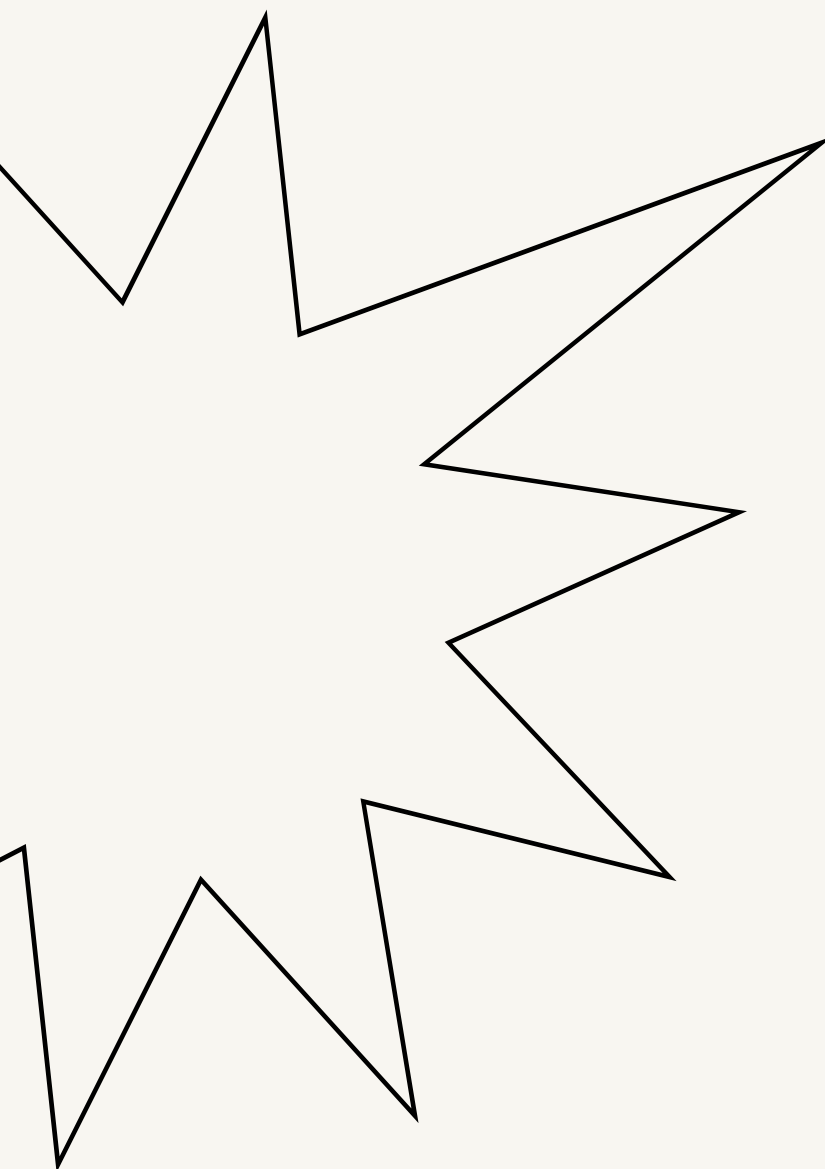


UMA CRÍTICA FEMINISTA À GUERRA

MARIA BETÂNIA ÁVILA*



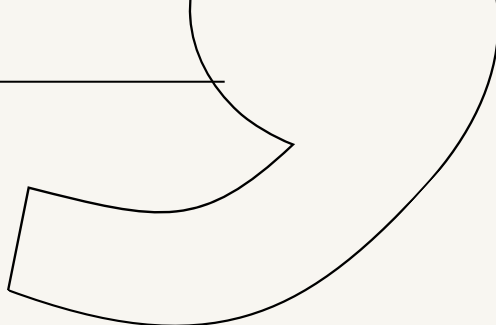
As guerras sempre foram um mecanismo de despossessão, dominação, subjugação e expansão do poder dos países colonizadores e imperialistas, deflagradas, organizadas e lideradas pelos homens como uma prática inteiramente particular da dominação patriarcal, que anterior ao capitalismo, é por ele reestruturada e imbricada a dimensão racial, que leva a formação social de um sistema capitalista, racista e patriarcal. Existem e existiram também as guerras civis, igualmente comandadas por homens de seus próprios países, onde o que está em jogo são também os antagonismos determinados por processos de dominação. Há ainda as guerras de libertação de países, que existiram e continuam existindo como processos de luta contra o poder de países estrangeiros, sobre nações, territórios e povos, que lutam pela autodeterminação e soberania. Estes breves comentários sobre guerras, estão aqui colocados no sentido de introduzir as questões que serão tratadas neste texto.

Sabemos, historicamente, que as guerras sempre são feitas como uma prática de crueldade e subjugação para atender aos interesses da ganância dos poderosos. No que se refere a formação social capitalista a guerra tem sido um instrumento estratégico de acumulação

*Maria Betânia Ávila É pesquisadora e Uma das fundadoras do SOS Corpo, doutora em sociologia e militante feminista da Articulação de Mulheres Brasileiras (AMB) e Articulação Feminista Marcosul (AFM).

primitiva e para os processos produtivos, para o lucro e a acumulação do capital. É um instrumento de enriquecimento dos países capitalistas e dos capitalistas em acumulações de riqueza pessoal. Neste texto o que nos move a escrever sobre esta questão é a sua frequência e amplitude nesta etapa atual do capitalismo, denominada como neoliberalismo, e como a guerra é uma forma de manter uma vida social dominada pela violência, com consequências devastadoras sobre os corpos das mulheres, não só nos momentos e onde estão ativadas, mas também durante sua preparação e nos pós-guerras.

Esses pós-guerras quando acontecem, são do ponto de vista temporal, contemporâneos dos nascimentos de outras guerras em outros territórios. Dessa forma vivemos hoje em um contexto de guerras permanentes, que estão, sempre, acontecendo em alguma parte do planeta. Como parte da situação atual são, majoritariamente, situadas nos países do sul. Simultâneas ou não, as guerras se espalham e não acontecem descoladas de processos de motivações e ingerências colonizadoras, do passado ou do presente, e/ou imperialistas. Essas guerras continuam a fazer parte, de maneira fundamental do desenvolvimento do sistema capitalista, com sua imbricação racista e patriarcal, e como estratégias de expansão das relações capitalistas para todos os rincões do mundo. Desde Marx, já estava revelado que a violência é uma dimensão intrínseca da força produtiva desse sistema, no seu processo incessante de expansão.



As guerras se constituem como possibilidades de grandes negócios e lucros vultuosos. Produzem ainda uma visão de mundo na qual a violência é parte constitutiva e incontornável do que os capitalistas, patriarcais e racistas definem progresso e desenvolvimento, como algo inerente às realidades humanas. Desta forma a violência nessa escala geral das guerras é uma potência maléfica sustentada e alimentada pela classe dominante, que é formada, majoritariamente (no ponto mais alto pirâmide social), de homens brancos e proprietários do Norte Global. Além de banalizar e naturalizar os assassinatos em massa, a guerra é promotora de uma cultura de desvalor da vida humana, essa falta de valor não é para a vida humana em geral, pois está diretamente determinada pelas relações de classe, de raça e de gênero. Porque o capitalismo é também um regime de categorização de quem deve viver e de quem deve morrer.

A guerra, como método de resolução de conflitos, assumiu uma relevância especial e dramática nos dias atuais. A ligação entre capitalismo e guerra não é acidental. Mas sim estrutural e inevitável. De fato, o conflito é produzido pela ganância capitalista de acumulação primitiva dos governos imperialistas e coloniais. As guerras são estratégias de dominação e devastação, dos países dominantes do ponto de vista econômico e político sobre outros países e povos considerados menos desenvolvidos. A cada

etapa histórica são refeitas as potencialidades tecnológicas e bélicas, com o mesmo objetivo, o de matar outros humanos, colonizar e se apropriar de territórios e riquezas.

A violência tornou-se um negócio cada vez mais lucrativo. As indústrias de armas, um setor altamente estratégico para a acumulação de riqueza, o qual é profundamente associado aos negócios das big techs, pressionam sistematicamente pela manutenção e produção de guerras genocidas, devastadoras de povos e de territórios, e a expansão do colonialismo. Esta violência de guerra está diretamente associada a violência cotidiana sobre as mulheres. Deve-se considerar também, que a indústria bélica é altamente lucrativa, portanto, se constitui ao mesmo tempo como elemento de poder devastador e como elemento estratégico para acumulação capitalista.

Outra produção incessante de violência altamente consumidora dos produtos de armas de guerra, é o crime organizado em torno da produção e distribuição das drogas consideradas ilícitas e consumidas de forma extensiva e lucrativa, em particular nos países do Norte Global. Este setor de negócio altamente lucrativo sustentado na guerra entre facções e entre facções e as forças militarizadas do Estado, dominam os territórios no qual habitam as populações mais despossuídas de recursos materiais, que são também populações de maioria negra e/ou formadas de povos originários. A violência sexual contra as mulheres funciona como parte do jogo de dominação. Dominar o território, também neste caso, implica violentar sexualmente as mulheres. O governo imperialista dos Estados Unidos,

neste momento, tem usado o combate às drogas como estratégia de invasão de territórios, interferências políticas nos processos nacionais eleitorais, com objetivo de estender seu poder a se apossar das riquezas desses países, como foi e continua sendo no caso da Venezuela, e das ameaças permanentes aos processos de eleições de outros países da América Latina, para favorecer nestas disputas, evidentemente, a extrema direita. Uma dimensão fundamental da luta por democracia no Brasil e em outros países da região tem sido a defesa da soberania nacional contra as ingerências dos Estados Unidos.

Segundo Lazaratto (2025), “hoje, a guerra torna evidente, para quem quiser ver, que a estrutura do poder capitalista, que não se reduz a ‘produção’, envolve a relação do capital com o Estado e o conflito bélico”. Acrescento aqui a relação entre guerra e reprodução social que o sistema capitalista, patriarcal e racista nega a existência, pela ideologia, naturalizando a exploração do trabalho reprodutivo das mulheres, que mesmo nas guerras são convocadas para cuidar daqueles que são destruídos pelos outros. A eliminação de populações, que o capital considera como necessariamente descartáveis, é parte da estratégia dos conflitos armados.

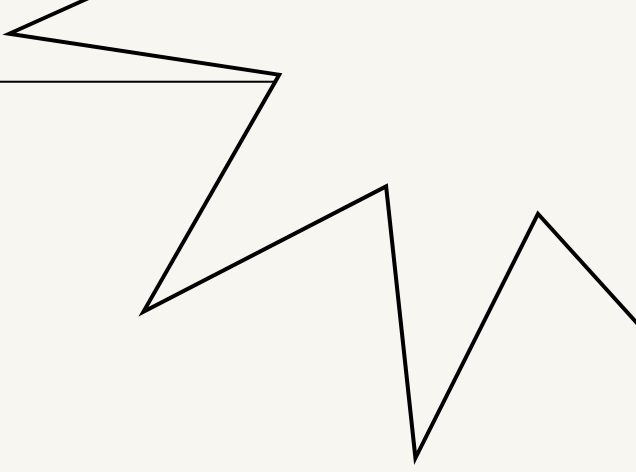
Na história das guerras sempre encontramos as mulheres, cuidando dos corpos devastados, enterrando os mortos, reconstruindo espaços de viver o cotidiano, os quais são sistematicamente destruídos, protegendo as crianças ou chorando por elas, quando são assassinadas nos atos da guerra. A morte das crianças palestinas e iraquianas, promovidas de forma intencional,

Israel e Estados Unidos, evidenciam o tamanho das atrocidades dos poderosos dessas nações. A morte dessas crianças nessas guerras, também significa a intenção de destruir a continuidade da reprodução da vida humana no futuro, nesses territórios. Na Palestina, além das crianças como alvo, as mulheres foram também massacradas e assassinadas cotidianamente pelo exército de Israel.

O jornalista brasileiro Jamil Chade, que além de outras reportagens faz coberturas em zonas de guerra, diz o seguinte: “Percorrendo campos de refugiados em três continentes, o que sempre mais me impressionou foi a vulnerabilidade das mulheres nessa situação.” (Chade, 2025).

Nesse longo processo histórico de formação capitalista, podemos inferir que as guerras fazem parte da dominação patriarcal, a qual foi reestruturada, como forma de constituição de um poder masculino absolutista, para fortalecer e reestruturar o processo de opressão das mulheres funcional ao capitalismo, o qual se reproduz pela exploração do trabalho produtivo e reprodutivo, pela apropriação dos corpos das mulheres e pelo desapossamento de povos originais e todos os povos que habitam territórios cobiçados pelos capitalistas.

O capitalismo reestruturou o patriarcado, e gerou o racismo colonial como estrutura de dominação, apropriação e exploração. Os colonizadores brancos europeus que invadiram a África para escravizar parte de seus povos negros livres e originários, transportaram e mercantilizaram seres humanos, para transformá-los em força de trabalho escravizada, para um território



também invadido neste mesmo processo, e chamado pelos invasores de América, no qual também, escravizaram parte de seus povos originários e cometeram extensos genocídios. As guerras atuais guardam as relações de poder colonial desde sua origem, na formação social do capitalismo, sendo este poder colonial atualizado e associado ao imperialismo.

Durante os processos de conflito armados, as mulheres não só são recrutadas como cuidadoras e restauradoras de corpos e espaços de vida devastados pela ação dos homens, como também são violentadas, nos campos de guerras, e nos territórios invadidos. Quando se declara que a guerra acabou, e neste momento uns se rendem e outros se declaram vitoriosos, o estupro das mulheres se mantém como afirmação patriarcal do domínio sobre os territórios dos vencidos, entre os quais os dominadores, consideram que fazem parte os corpos das mulheres.

Em outro relato dramático Chade nos diz:

“Na Sérvia, num barracão onde eram depositados os refugiados que aguardavam para chegar até a Europa Ocidental, conheci uma mulher que não falava. Sua irmã, depois, veio me explicar que ela ficou muda depois de ter sido estuprada pelo “guia” que seus pais tinham contratado na Turquia para que elas cruzassem as fronteiras. Para pagar pelo guia, os pais venderam as únicas coisas que tinham: uma casinha e dois animais” (Chade, 2022)

É importante frisar que esta violência sexual sobre as mulheres não são episódios pontuais, ao contrário está constituída como parte das estratégias de combate, com o objetivo de humilhar, degradar e tornar o trauma e a crueldade mais profundos. A guerra é um meio de aniquilação do passado, que foi construído e se materializa em modos e meios de produzir a vida e preservar a memória, do presente como o tempo de ação ativa dessa produção de aniquilamento e do futuro como projeto de vida para os que são derrotados pela força bélica e outros meios de destruir.

Em tempos de guerra, mulheres e minorias estão sujeitas a formas cruéis de violência, que são usadas não só para desestruturar o tecido social pela miséria material e desestruturação subjetiva e psíquica causadas pelos horrores impostos, o que leva também intencionalmente a processos de limpeza étnicas a medida que, além dos assassinatos diretos feitos pelos meios bélicos, mortes acontecem em grande proporção em consequência de sofrimentos intransponíveis.

As guerras e os pós-guerras reestruturam o mercado de trabalho, recrutando as mulheres, e dispensando as mulheres de acordo com os calendários e efeitos da guerra. As políticas natalistas ou antinatalistas também são materializadas nos corpos das mulheres. Tanto para repor força de trabalho como também para aproveitar os tempos desestruturados dos pós-guerras e avançar em limpezas étnicas, para responder aos interesses materiais e ideológicos desse sistema capitalista, patriarcal e racista.

A construção da paz, só se realiza como possibilidade de um futuro comum através da luta antissistêmica, anticapitalista/antipatriarcal/antirracista. O movimento feminista, através do mundo, tem declarado que não quer “nem a guerra que nos destrói, nem a paz que nos oprime”.

Como diz Garcia:

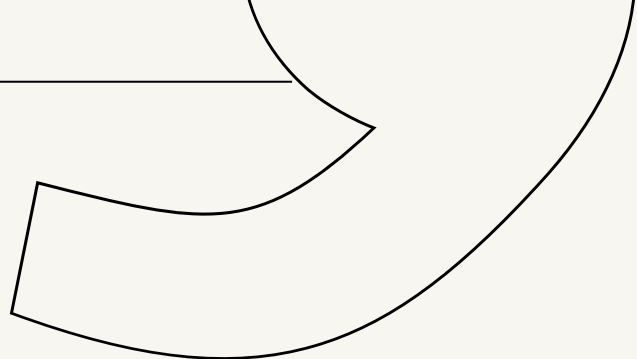
“Toda essa história da luta feminista por uma paz duradoura nos ensinou que a paz é feita de coragem e luta. Avante, minhas irmãs, lutemos por uma paz que não seja apenas um cessar-fogo, mas uma transformação deste mundo violento em um mundo de solidariedade, respeito mútuo, igualdade, direitos, cooperação e sustentabilidade do planeta.” (Garcia, 2022)

A crítica feminista à guerra está diretamente vinculada à crítica ao sistema capitalista, patriarcal e racista, uma vez que a paz, nesse sistema, não pode ser experienciada como um modo de viver neste planeta. Isso porque a violência que constrói a guerra está indissociavelmente ligada à violência que se espalha no cotidiano. Nesse contexto de guerras permanentes, podemos afirmar também que, no caso das mulheres, a vida cotidiana é marcada, cada vez mais, pelo avanço da extrema direita, de modo que a ameaça pode estar sempre esperando em casa ou na próxima esquina. É a crueldade do machismo, justamente aquele que glorifica os heróis da guerra.

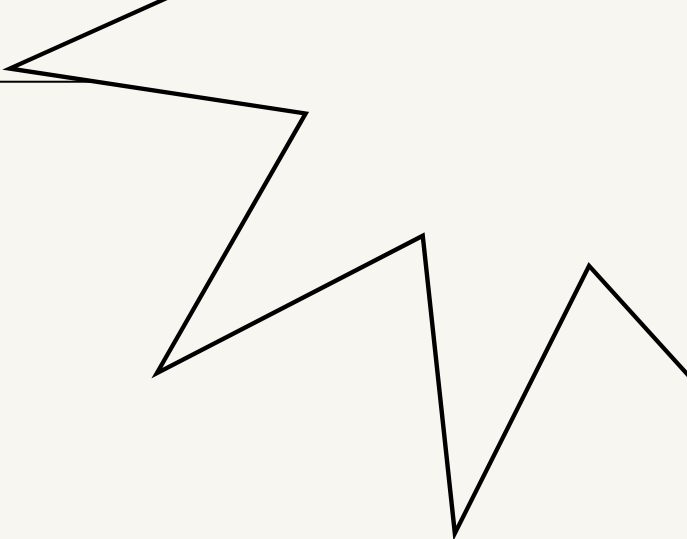
Segundo Federici (2026), “Hoje não se pode pensar em política anticapitalista sem pensar em política contra a guerra. E não temos um movimento internacional contra a guerra, precisamos construí-lo”.

A democracia liberal não tem garantido, nem mesmo, as condições sociais e políticas nas quais se travam as disputas na esfera pública, mas justo ao contrário, as instituições da democracia liberal burguesa garantem os meios necessários para o uso da violência de Estado, contra as/os insurgentes que se colocam contra a ordem vigente, assentada nos interesses da propriedade privada, do sistema financeiro, e da moral burguesa como ideologia dominante. É no âmbito da democracia liberal que o sistema capitalista garante ao imperialismo as estruturas “legais” e a complacência necessária com os meios ilegais para espalhar guerras e crueldades como forma de manter o poder imperialista.

A Democracia tem sido usada para justificar as maiores atrocidades cometidas pelas guerras coloniais e imperialistas impostas pelos poderosos, que o fazem como forma de apagamento dos objetivos reais de apropriação e dominação mundial dos comuns. Neste sentido as elaborações feministas que reestruturam o conceito de democracia, que a definem não só como um sistema político, mas também como uma forma de organização da vida social, são fundamentais para abrir caminhos para construção de futuro, onde o comum, a paz e a valorização da vida humana e do planeta com todas as suas formas de vida, sejam a utopia do que queremos como possível.



Por fim, queremos afirmar nossa solidariedade às mulheres palestinas e à sua capacidade de resistência que, sob o jugo de forças atrozes, sofrem cotidianamente os efeitos de uma guerra genocida. Embora declarada encerrada pelas potências invasoras (Israel, com o apoio dos Estados Unidos), essa guerra nunca finda. Nossa solidariedade feminista se estende a todas as mulheres que se encontram em territórios e países em situação de guerra.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

CAPIRE. **Le féminisme est un cri mondial contre les guerres.** *Capire – Mouvements féministes*. Disponível em: <https://capiremov.org/fr/analyse/le-feminisme-est-un-cri-mondial-contre-les-guerres/>.

CHADE, Jamil. **Carta para Arthur do Val: a condição feminina na guerra e na paz.** *UOL Notícias*, 5 mar. 2022. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/jamil-chade/2022/03/05/carta-para-arthur-do-val-a-condicao-feminina-na-guerra-e-na-paz.htm>

FEDERICI, Silvia. **Uma análise feminista da guerra.** *Editora Elefante*, 2024. Disponível em: <https://editoraelefante.com.br/federici-uma-analise-feminista-da-guerra/>.

LAZZARATO, Maurizio. **Radiografia do capitalismo armado.** *Outras Palavras*. Disponível em: <https://outraspalavras.net/crise-civilizatoria/lazzarato-radiografia-do-capitalismo-armado/>



SOS CORPO

**Instituto Feminista
para a Democracia**